

COMISSÃO DE CULTURA

PROJETO DE LEI Nº 1.926, DE 2015

Inscreve no Livro dos Heróis da Pátria o nome de Luís Gonzaga Pinto da Gama – LUIZ GAMA - no Livro dos Heróis da Pátria.

Autor: Deputado ORLANDO SILVA

Relator: Deputado JEAN WYLLYS

I – RELATÓRIO

O projeto de lei em epígrafe, cujo autor é o nobre Deputado Orlando Silva, objetiva inscrever o nome de Luís Gonzaga Pinto da Gama – LUIZ GAMA - no Livro dos Heróis da Pátria, depositado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília.

O proponente faz uma bela apresentação do ilustre cidadão brasileiro que pretende agraciar com o título de HERÓI, citando, primeiramente, trechos de homenagem a ele prestada por seu contemporâneo Raul Pompeia, que assim escreve:

" (...) não sei que grandeza admirava naquele advogado, a receber constantemente em casa um mundo de gente faminta de liberdade, uns escravos humildes, esfarrapados, implorando libertação, como quem pede esmola; outros mostrando as mãos inflamadas e sangrentas das pancadas que lhes dera um bárbaro senhor; outros... inúmeros. E Luís Gama os recebia a todos com a sua aspereza afável e atraente; e a todos satisfazia, praticando as mas angélicas ações, por entre uma saraivada de grossas pilhérias de velho sargento. Toda essa clientela miserável saía satisfeita, levando este uma consolação, aquele uma promessa, outro a liberdade, alguns um conselho

fortificante. E Luís Gama fazia tudo: libertava, consolava, dava conselhos, demandava, sacrificava-se, lutava, exauria-se no próprio ardor, como uma candeia iluminando à custa da própria vida as trevas do desespero daquele povo de infelizes, sem auferir uma sobra de lucro... E, por essa filosofia, empenhava-se de corpo e alma, fazia-se matar pelo bom... Pobre, muito pobre, deixava para os outros tudo o que lhe vinha das mãos de algum cliente mais abastado."

Em seguida, o autor menciona passagens significativas da biografia do homenageado, nascido na cidade de Salvador, Bahia, no dia 21 de junho de 1830, de pai fidalgo português de nome desconhecido e Luiza Mahin, africana vinda como escrava para o Brasil, e depois liberta, que se destacou por participação na Revolta dos Malês, importante rebelião ocorrida na capital baiana em 1835. O menino Luís Gonzaga Pinto da Gama foi em 1840 vendido como escravo pelo pai em pagamento a dívida de jogo e, no Rio de Janeiro, foi comprado pelo alferes Antônio Pereira Cardoso. Aos 17 anos foi alfabetizado por um estudante que se hospedara na fazenda do alferes e aos 18 anos, fugiu para a cidade de São Paulo, alistando-se na milícia, onde permaneceu por seis anos até sua baixa forçada por acusação de insubordinação. Casou-se aos 20 anos e não conseguindo se matricular no Curso de Direito do Largo do São Francisco (hoje Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo), por ser negro, persistiu como ouvinte das aulas e com o conhecimento adquirido atuou como advogado de centenas de escravos negros. Na década de 1860 destacou-se como jornalista e colaborador de periódicos e na literatura destacou-se como poeta satírico, sendo hoje reconhecido como um dos representantes da segunda geração do romantismo brasileiro.

O ilustre Deputado Orlando Silva cita ainda os seguintes trechos de texto extraído do Portal da Fundação Luiz Gama:

"Luiz Gama foi um dos maiores líderes abolicionistas do Brasil. Sempre esteve engajado nos movimentos contra a escravidão e a favor da liberdade dos negros. Em 1869, fundou com Rui Barbosa o Jornal Radical Paulistano. Em 1880 foi líder da Mocidade Abolicionista e Republicana. Devido a sua luta a favor da libertação dos escravos era hostilizado pelo Partido Conservador e chegou a ser demitido do cargo de amanuense por motivos políticos. Nos Tribunais, usando de sua oratória impecável e seus conhecimentos jurídicos, conseguiu libertar mais de 500 escravos, algumas

estimativas falam em 1000 escravos. As causas eram diversas, muitas envolviam negros que podiam pagar cartas de alforria, mas eram impedidos pelos seus senhores de serem libertos, ou que haviam entrado no território nacional após a proibição do tráfico negreiro em 1850. Luiz Gama também ganhou notoriedade por defender que ao matar seu senhor, o escravo agia em legítima defesa.

Faleceu em 24 de agosto de 1882 e foi sepultado no Cemitério da Consolação, na presença de 3.000 pessoas numa São Paulo de 40.000 habitantes. Em 2007, a Faculdade de Direito da USP, a Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Direito da USP, a Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo e a Secretaria Estadual da Justiça e Defesa da Cidadania de São Paulo finalmente desagravaram o advogado Luiz Gama, em sessão solene, seguida da colocação de pintura a óleo, com seu retrato, na Sala Visconde de São Leopoldo, espaço nobre reservado a solenidades e festejos das tradicionais arcadas”

O projeto de lei foi apresentado na Câmara por seu nobre autor em 16/06/2015, e em 23/06/2015 a Mesa Diretora o remeteu, para análise e parecer, às Comissões de Cultura e de Constituição e Justiça e de Cidadania (Arts. 54 e 24 do RICD) A proposição se sujeita à apreciação conclusiva pelas Comissões e tramita ordinariamente.

Na Comissão de Cultura, onde deu entrada em 26/06/2015, o projeto não recebeu emendas no prazo regimental.

É o Relatório.

II - VOTO DO RELATOR

A matéria de que trata este projeto é regida pela lei nº 11.597, de 29 de novembro de 2007, que “*dispõe sobre a inscrição de nomes no Livro dos Heróis da Pátria*. Ela estabelece, em seu art. 1º, que “*O Livro dos Heróis da Pátria, depositado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, destina-se ao registro perpétuo do nome dos brasileiros ou de grupos de brasileiros que tenham oferecido a vida à Pátria, para sua defesa e construção, com excepcional dedicação e heroísmo.*”

Prevê que tal distinção “será prestada mediante a edição de Lei, decorridos 50 (cinquenta) anos da morte ou da presunção de morte do homenageado” e que fica excetuada da observância de tal prazo “a homenagem aos brasileiros mortos ou presumidamente mortos em campo de batalha.” Por fim, aduz que “O registro levará em consideração o transcurso de data representativa de feito memorável da vida do laureado.”

É, portanto, com grande gosto e senso de responsabilidade que assumo a relatoria deste projeto de lei, da lavra do ilustre colega Deputado Orlando Silva, que visa a prestar justa homenagem à figura tão importante quanto injustamente desconhecida, em certos meios de nosso país. Refiro-me ao eminente advogado, jornalista, poeta, escritor e político baiano Luís Gonzaga Pinto da Gama, mais conhecido como LUIZ GAMA, cujo nome o autor desta proposição pretende inscrever no Livro dos Heróis da Pátria, depositado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília.

Falemos mais um pouco sobre o homenageado: advogado, jornalista, poeta e escritor, notável por suas atitudes pela abolição da escravatura e pelos direitos dos escravos negros. Luiz Gama foi batizado aos oito anos de idade e com dez anos, foi vendido ilegalmente por seu próprio pai como escravo (1840). Transportado como escravo no navio *Saraiva* até o Rio de Janeiro, no mesmo ano foi revendido ao alferes Antônio Pereira Cardoso, em um lote de mais de cem escravos e levado para Província de São Paulo, pelo Porto de Santos, de lá seguindo a pé até a cidade de Campinas. Voltando a São Paulo para trabalhar na lida doméstica, como acontecia frequentemente com muitos escravos, aprendeu os ofícios de lavar, passar e engomar, e também os de copeiro e sapateiro.

E, como mostrou o ilustre autor da proposta, Luiz Gama aprendeu também a ler e a escrever com o estudante Antônio Rodrigues de Araújo, hóspede na fazenda do alferes Antônio Pereira Cardoso.

Aos dezoito anos Luiz Gama fugiu do cativeiro para São Paulo (1848), alistou-se na Força Pública da Província ou Corpo de Força da Linha de São Paulo, na qual se graduou como cabo e lá permaneceu até 1854, quando teve baixa compulsória, acusado de insubordinação.

Casou-se em 1850 e teve frustrada sua tentativa de matricular-se no Curso de Direito do Largo do São Francisco (hoje a Faculdade

de Direito da USP - Universidade de São Paulo), por ser negro e enfrentando a hostilidade de professores e alunos, persistiu como ouvinte das aulas. Não concluiu o curso, mas conseguiu uma carta de advogado provisório e com o conhecimento adquirido, defendeu e libertou na Justiça mais de 500 negros escravos. Na década seguinte tornou-se jornalista de renome, colaborador de periódicos progressistas e ligado aos círculos do Partido Liberal. Com o desenhista Ângelo Agostini, lançou o *Diabo Coxo* (1864) no *Cabrião*, marco paulista na imprensa humorística ilustrada. Foi redator de várias pequenas e efêmeras publicações, como *O Cabrião*, *O Coaraci* e *O Polichinelo*, até se tornar um polemista, em defesa da abolição e da república, nas colunas do *Radical Paulistano*. Participou da criação do Club Radical e, mais tarde, da criação do Partido Republicano Paulista, ao qual se manteve ligado até à sua morte. Projetou-se na literatura em função de seus poemas, nos quais satirizava a aristocracia e os poderosos de seu tempo (em 1859 publicou o livro de poemas satíricos, intitulado *Primeiras trovas burlescas de Getulino*).

Luiz Gama faleceu em 24 de agosto de 1882 e foi sepultado no Cemitério da Consolação, na presença de 3 mil pessoas numa São Paulo de 40 mil habitantes, de acordo com os registros da época. Este cortejo teve, desde a Rua do Brás (a atual Rangel Pestana), onde Luís Gama tinha sua modesta morada, até o Cemitério da Consolação, um acompanhamento que incluía de negros humildes até um membro destacado da mais rica família do período, a família Martinico Prado. Relatos de contemporâneos, como o escritor Raul Pompeia, dão conta de que o cortejo fúnebre de Luiz Gama parou a cidade, com o caixão sendo passado de mão em mão pelas ruas onde milhares de pessoas queriam homenagear o advogado morto.

No início do século XX, o “advogado dos escravos” foi escolhido para ser um dos quarenta patronos da Academia Paulista de Letras. Rui Barbosa por toda a sua vida louvou o companheiro de lutas, inclusive em discursos que proferiu como presidente do Instituto dos Advogados Brasileiros, cargo para o qual foi eleito em 1914. Se a memória de Luiz Gama ficou como que esquecida por décadas, nos últimos anos sua brilhante trajetória tem sido cada vez mais lembrada, a exemplo do professor, jurista e escritor Fábio Konder Comparato, que em artigos publicados na imprensa, tem ajudado a divulgar o legado do líder abolicionista. Também a Faculdade de Direito da USP em 2007, com apoio da Associação dos Antigos Alunos, da maçonaria e

da Secretaria de Justiça e da Defesa da Cidadania do Estado de São Paulo, em desagravo histórico, entronizou um retrato a óleo de Luiz Gama em um espaço nobre das Arcadas - a Sala Visconde de São Leopoldo - voltada a celebrações festivas e solenes. Em agosto de 2009, o Instituto dos Advogados Brasileiros, primeira entidade a congregar profissionais do Direito no País, fundada em 1843, instituiu a Medalha Luiz Gama. Estudos acadêmicos e ensaios sobre Gama têm sido publicados em livro ou em revistas, nos últimos anos. E em pesquisa inédita, no Tribunal de Justiça de São Paulo, Câmara publica mais de uma dezena de Habeas Corpus da lavra de Gama em favor da libertação de negros escravos, além de rica documentação sobre o personagem.¹

Com base no relato acima, que nos revela o mérito não apenas cultural como social e político de uma vida que honra a história do Brasil, manifesto-me **pela aprovação** do Projeto de Lei nº 1.926/2015 e solicito, por fim, o indispensável apoio de meus Pares.

Sala da Comissão, em _____ de _____ de 2015.

Deputado JEAN WYLLYS
Relator

1. Para a elaboração deste Parecer, foram consultados e citados trechos das seguintes fontes:
 1. Quem foi Luiz Gama? Instituto Luiz Gama. Acesso em no Portal eletrônico do Instituto Luiz Gama - acessível em
http://institutoluizgama.org.br/portal/index.php?option=com_content&view=section&layout=blog&id=6&Itemid=41
 2. Biografia resumida. Acesso em <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/LuisGPGa.html>
 3. Justiça na história - Luiz Gama, o liberto que virou advogado dos escravos. Cássio Schubsky. **Revista** Consultor Jurídico, 20 de abril de 2010.